

ATOS DE INCIVILIDADE: UM COMPORTAMENTO CADA VEZ MAIS FREQUENTE NO AMBIENTE ESCOLAR

Eliane Araujo Barbosa de Almeida, Maria Júlia B. de Holanda

Resumo: A escola é um ambiente que tem por atividade principal o processo de ensino e aprendizagem, além é claro da preocupação com a formação cidadã dos alunos, contudo, frequentes situações cotidianas de desrespeito estão afetando a relação de alunos e professores. Tratam-se dos chamados atos de incivilidade: conflitos que transformam o ambiente que a priori deveria propiciar a relação interpessoal em um espaço de verdadeiro caos. Esses atos comprometem a conduta socialmente desejável, pois manifestam desrespeito e podem resultar de simples insultos, empurrões ou pequenas humilhações, podendo inclusive causar mal estar aos professores. Nesta apreciação, foi proposto o presente problema de pesquisa: Como enfrentar os atos de incivilidade que ocorrem cotidianamente em sala de aula? Para tal intenção foi necessário discutir os comportamentos ligados aos atos de incivilidade que ocorrem cotidianamente em sala de aula, definindo o conceito de atos de incivilidade e diferenciando-os de atos de indisciplina; uma reflexão sobre o crescimento de sua incidência também foi abordado, mais do que isso, buscou-se identificar o papel da escola frente aos constantes atos de incivilidade. Quanto à metodologia, a presente pesquisa se classificou como exploratória, haja vista que sua natureza de pesquisa é bibliográfica, pois se buscou proporcionar uma maior intimidade com o problema. Não se esperou uma descoberta mágica da fórmula que coibiria os atos de incivilidade, apenas abordou-se a questão de maneira teórica. Com isso, concluiu-se que o compromisso de lidar com os atos de incivilidade não compete unicamente à escola, faz-se necessário o envolvimento de toda comunidade.

Palavras-Chave: Incivilidade; Indisciplina; Ambiente escolar.

Abstract: *School is an environment whose main activity the process of teaching and learning, and of course the concern for the civic education of the students, however, common everyday situations of disrespect are affecting the relationship of students and teachers. These are so-called acts of incivility: Conflicts that transform the environment that a priori should provide the interpersonal relationship in a space of chaos. These acts undermine the socially desirable behavior, as manifest disrespect and can result from simple insults, shoving or petty humiliations and may even cause discomfort to teachers. In making this assessment, this research question was proposed: How to face the acts of incivility that occur daily in the classroom? To such intention it was necessary to discuss the behaviors linked to acts of incivility that occur daily in the classroom, defining the concept of acts of incivility and differentiating them from acts of indiscipline; the reflection on the growing incidence was also addressed, more than that, we sought to identify the role of front school at constant acts of incivility. As for methodology, the present study was classified as exploratory, given that their nature is research literature, as it sought to provide a greater intimacy with the problem. Not expected discovery of a magic formula that restrain acts of incivility, only addressed the question of theoretical way. Thus, we conclude that the commitment to deal with the acts of incivility does not compete solely to school, it is necessary to involve the whole community.*

Keywords: *Incivility; Indiscipline; School environment.*

Introdução

As frequentes situações cotidianas de desrespeito entre educadores e educandos, bem como entre os próprios alunos revelaram a existência de atos de incivilidade nas escolas. Os atos de incivilidade, comportamento cada vez mais frequente no ambiente escolar, são conflitos que transformaram o ambiente que deveria propiciar a interação e a aprendizagem em um ambiente de verdadeiro caos.

Os atos de incivilidade não são violências físicas, mas sim “pequenas violências” que comprometem a chamada conduta socialmente desejável, ou seja, a interação civilizada dos alunos com seus colegas e professores (LA TAILLE; VINHA, 2013).

Assim, a ruptura dessa conduta traz ao professor um desgaste tanto emocional quanto físico e aos alunos o comprometimento do seu processo de aprendizagem, além de sua evolução na relação social.

Nesta apreciação, foi proposto o presente problema de pesquisa: Como enfrentar os atos de incivilidade que ocorrem cotidianamente em sala de aula? Tal questionamento apesar de pertinente ainda é pouco debatido, e por essa razão, no que tange à relevância do tema, a presente pesquisa tornou-se oportuna.

Para tal intenção, foi necessário estabelecer, como objetivo geral: discutir os comportamentos ligados aos atos de incivilidade que ocorrem cotidianamente em sala de aula. E por objetivos específicos buscou-se: definir o conceito de atos de incivilidade e diferenciá-los de atos de indisciplina; refletir sobre o crescimento da incidência dos atos de incivilidade; identificar o papel da escola frente aos constantes atos de incivilidade.

Portanto, fez-se necessário um aprofundamento nas discussões a respeito dos atos de incivilidade por se acreditar que tais atos dão início às grandes violências cotidianas que amedrontam a sociedade como um todo.

Quanto à metodologia, a presente pesquisa se classificou como exploratória, haja vista que sua natureza de pesquisa é bibliográfica, pois se buscou proporcionar uma maior intimidade com o problema (GIL, 2002). Não se esperou uma descoberta mágica da fórmula que coibiria os atos de incivilidade, apenas abordou-se a questão de maneira teórica.

E, sob quatro aspectos distintos, propôs-se definir os atos de incivilidade, tipificando sua ocorrência em sala de aula; definir os atos de indisciplina, diferenciando-os dos atos de incivilidade, pois as duas transgressões apresentam-se cotidianamente e até simultaneamente nas escolas; refletir sobre o crescimento e as principais causas da incidência dos atos de incivilidade, e, por fim, debater sobre o papel preventivo da escola frente aos constantes atos de incivilidade.

A Incivilidade

A escola é um ambiente que deve propiciar aprendizagem e propor a discussão do conhecimento, todavia, tal ambiente não está imune ao surgimento de conflitos que comprometam a harmonia necessária.

Esses conflitos podem ser tipificados como comportamentos desrespeitosos e de desordem, podem ser exemplificados como grosserias, humilhações, empurrões, ofensas, dentre outros eventos. Esses conflitos são chamados de pequenas violências que desafiam

as regras de boa convivência na escola e na sociedade como um todo (ABRAMOVAY, 2002).

Como o problema ainda é pouco debatido percebe-se que não há grande conhecimento por parte das equipes gestoras, bem como é inexpressivo a quantidade de pesquisas que propõem um aprofundamento à discussão do assunto ou que exponha possíveis alternativas para o seu enfrentamento.

Contudo, a atual Presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, reservando-se de qualquer posicionamento político, propôs como lema de seu atual governo a expressão: “Brasil, Pátria Educadora!” (BRASIL, 2015). A frase, segundo a Presidenta, sintetiza que a educação será a prioridade do seu novo mandato. Esse compromisso desperta o interesse por parte dos educadores em discutir sobre a prática educacional vivenciada diariamente por eles acerca de temas ligados à violência e a atos de incivildade em sala de aula.

Tais atos de incivildade só cresce Brasil a fora e comportamentos como pequenas agressões, desordens, desrespeito ao próximo e ofensas a colegas já fazem parte do cotidiano escolar, desgastando assim as relações sociais, com isso, o presente diagnóstico pode culminar no provável fracasso do cidadão (FERREIRA, *et al.*, 2015).

As sensações de medo e de insegurança já enraizaram em nossas escolas. Acredita-se que tais sensações se iniciaram após o acontecimento de simples empurrões ou xingamentos, acompanhados de gritarias, insultos e grosserias, seja na relação aluno com aluno ou aluno com professor (ABRAMOVAY, 2002). É inaceitável conceber que esses acontecimentos, flagrantes atos de incivildade, sejam por muitos aceitos como parte do sistema!

Portanto, os que estão a serviço da educação não podem comungar dessa inverdade, logo estes não devem se entregar a uma passividade comportamental que se faz presente no cotidiano escolar.

Torna-se oportuno definir o entendimento do tema civilidade, que não pode ser confundido como civismo. Civilidade está associada ao respeito pelas normas de convívio dos membros de uma sociedade organizada, trata-se de regras interiorizadas e aceitas como requisitos da vida social. A incivildade, logicamente é o oposto disso e essa inversão de valores e princípios se faz presente em nossas escolas (FERREIRA, 2013, p. 105).

É inegável que esses atos de incivildade causam inúmeros prejuízos ao aluno, ao professor, às famílias e à sociedade como um todo, tanto no que tange à aprendizagem cognitiva quanto no que tange a formação do cidadão, no que diz respeito às regras de boa convivência.

Éric Debarbieux (2001, p.7), autor e pesquisador francês, afirma que:

Por incivildade se entenderá uma grande gama de fatos indo da indelicadeza, má criação das crianças ao vandalismo. As incivildades mais inofensivas parecem ameaças contra a ordem estabelecida transgredindo os códigos elementares da vida em sociedade, o código de boas maneiras. Elas podem ser da ordem do barulho, sujeira, impolidez, tudo que causa desordem. Não são então necessariamente comportamentos ilegais em seu sentido jurídico, mas infrações à ordem estabelecida, encontradas na vida cotidiana (DEBARBIEUX, 2001, p.7).

Neste sentido, amplia-se a compreensão sobre atos de incivildade, ou seja, entende-se melhor o que são esses tipos de pequenas violências que causam transtornos no cotidiano escolar.

Toda instituição possui regras e diretrizes que garantem a convivência e a ordem, logo a escola não é e nem pode ser diferente. Ela possui suas regras e diretrizes e algumas são fundamentais para se estabelecer uma boa convivência, protegendo-a de atos de incivildade, que como dito, podem levar pequenos empurrões às violências mais graves, inclusive ao ponto de transgredir a lei (ABRAMOVAY, 2002).

A discussão proposta é mais sensível do que se imagina, pois verdadeiramente se inicia em um espaço que não é o escolar, trata-se do convívio familiar. Nesse ambiente que fica à margem da gestão educacional ocorrem diariamente diversos eventos e esses eventos contribuem positivamente ou negativamente no comportamento da criança. Ou seja, o educador por vezes se depara com comportamentos que não emanaram daquele ambiente, mas sim do convívio familiar da criança, a exemplo, a fim de ilustrar e se fazer mais claro, pode se relatar a falta de limites à criança que não são impostos pelos pais (GARCIA, 2006).

Atualmente, diversas crianças apresentam comportamentos que os pais não conseguem coibir. A falta de tempo dos pais faz com que estes não acompanhem as atividades cotidianas de seus filhos resultando na falta de diálogo entre eles e na não ciência do que se passa na cabeça das crianças. Consequentemente, a criança cresce em um mundo cheio de vontades, por não ter quem os imponham limites. Nesse estágio a interação com outras crianças se compromete e qualquer ambiente que não seja o ambiente do convívio familiar, local onde a criança “reina”, se torna um espaço estranho, levando-a a agir de maneira agressiva e desrespeitosa. (JORGE, *et al.*, 2006).

A sociedade com seus problemas e suas demandas não consegue lidar com o problema de atos de incivildade, pois os confunde com atos de indisciplina ou atos de violência. Essa má interpretação compromete o estudo de causa e efeito dos atos de incivildade, bem como de sua prevenção. Castro (2010, p. 107) compartilha de tal teoria, pois acredita que:

[...] as incivildades podem ser tão ou mais danosas quanto às transgressões observadas no espaço escolar. Primeiro porque comprometem a possibilidade do aprendizado, objetivo maior da escola. Elas atrapalham, promovem interrupções, desgastam, cansam. Em segundo lugar, porque prejudicam sobremaneira as relações entre os alunos. [...] E em terceiro lugar, porque mobilizam fortes sentimentos entre os educadores, deixando-os perdidos, atônicos, desvitalizados, descrentes (CASTRO, 2010, p. 107).

Perante essa afirmação, Garcia (2006) propõe que haja uma reflexão profunda acerca da questão, tendo em vista que professores em sala de aula necessitam de um maior entendimento para diferenciar atos de incivildade, de atos de violência ou de atos de indisciplina, mesmo que tais atos ocorram simultaneamente. É conhecido que um ato pode ensejar outro, todavia é fundamental que exista uma excelência em sua diferenciação.

Como dito, atos de incivildade comprometem a formação do cidadão e como também amplamente exposto, a escola é corresponsável, juntamente com a família, para o sucesso dessa missão. Com isso, da mesma forma que o ambiente familiar propicia segurança e confiança, o ambiente escolar não deve ser diferente. A atmosfera de incivildade deve ser combatida, mesmo por que esta resulta em violência e caos (GARCIA, 2006).

Garcia (2006) insiste que são inúmeros os profissionais em educação que erroneamente definem atos de incivildade e atos de indisciplina como uma única transgressão, todavia,

conforme exaustivamente exposto, tratam-se de eventos distintos e é evidente que as duas se fazem presentes no ambiente escolar, porém produzem resultados diferentes.

O ato de indisciplina está associado ao descumprimento de regras, trata-se de uma transgressão ao que foi estabelecido, como quando uma criança joga papel no chão quando esta é orientada a não fazê-lo, pois há uma regra imposta para garantir a limpeza do ambiente (GARCIA, 2006).

Já o ato de incivilidade, está ligado à transgressão de esquemas da vida social, ou do que se espera do outro como pessoa humana, como quando uma criança ofende a um colega com injurias praticando assim a um flagrante ato de incivilidade ao ser insensível ao direito de cada um de ser respeitado como pessoa (GARCIA, 2006).

Pensar que a indisciplina e os atos de incivilidade estejam presentes no cotidiano escolar e a frequência desses atos influencia no trabalho diário, atrapalhando-o ou desgastando-o. Isso nos leva a crer que tais ocorrências fazem com que professores tenham um desafio ainda maior: enfrentar o desrespeito, manter a ordem e ainda propor atividades de acordo com seu planejamento, seguindo as diretrizes curriculares.

Esse desafio leva o educador a se portar com passividade e esse quadro é perigoso e preocupante, pois é claro que o professor também sofre com esse cenário, não sabendo muitas vezes nem como agir. Não é incomum que educadores se percam e segundo Luizzi (2006), os docentes se colocam de maneira hostil e autoritária, tratando os alunos de maneira coercitiva como forma de manter a disciplina, e assim, desgasta o profissional físico-emocionalmente, podendo resultar inclusive em um possível afastamento.

No entanto, é necessário que o professor exerça seu papel com confiança, não se deixando abater com possíveis atos de incivilidade que por ventura ele venha a presenciar. O educador deve se capacitar para poder intervir quando necessário não podendo jamais ignorar os eventos presenciados, pois ao contrário estaria contribuindo para o aumento desses atos, muito menos se furtar de oferecer o suporte necessário, para que não seja criado, conforme define Silva e Del Prette (2003), um relacionamento pobre entre aluno e professor.

Essa orientação não se restringe somente aos professores, mas se estende a toda equipe escolar para que juntos intervenham no sistema e ajam a fim de coibir a ocorrência de atos de incivilidade. Deve também envolver a família da criança, haja vista que a família é o berço de toda formação do pequeno cidadão e se esses se furtam de apresentar a seus filhos os limites de uma convivência saudável, a escola de alguma maneira tentará alertar aos pais a respeito dessa negligência.

A Indisciplina

É sabido que depois do ambiente familiar, a escola é o ambiente que mais preenche o tempo de crianças e adolescentes, logo há quem afirme que o ambiente escolar é a segunda casa do estudante. Esse ambiente, o escolar, não se difere dos demais ambientes no que se refere à relação social, logo é nesse espaço que o estudante estabelece os seus primeiros laços intersociais com terceiros, com pessoas que não fazem parte de seu ciclo familiar (TIBA, 1996, p. 140).

Todavia, como toda relação, há também na escola a manifestação de conflitos que precisam ser mediados e superados, haja vista que esse fenômeno estará presente na vida

de todos, porém a mediação necessária para a solução destes conflitos por vezes não é realizada, seja por omissão ou por despreparo do profissional de educação.

E é nesse viés que se manifesta os atos de indisciplina, que para o cumprimento do objetivo proposto nesse trabalho precisa ser claramente diferenciado de atos de incivilidade.

Atendo-se apenas aos atos de indisciplina, é indispensável compreender o seu conceito que obviamente é o antônimo de atos de disciplina que por sua vez, segundo La Taille (1996) é definido como um conjunto de normas, entretanto, a revolta contra essas normas ou o desconhecimento delas pode ser interpretada como atos de indisciplina. Ainda segundo o mesmo autor, a indisciplina é traduzida por uma forma de desobediência insolente, bem como o desconhecimento de tais normas, enfim a indisciplina é traduzida pelo caos nos comportamentos.

Corroborando com a discussão, Aquino (1996) contrapõe, a exemplo de toda criação cultural, que o conceito de indisciplina não seja estático, uniforme, ou universal. Aquino (1996) acredita que o conceito de indisciplina se relaciona com o conjunto de valores e expectativas de uma sociedade, considerando que tal conjunto varia ao longo da história e que há diferentes culturas.

É bem verdade que tal compreensão transcende a definição que a principio se mostrava simples, contudo, o conjunto de valores mencionado por Aquino (1996) é por Garcia (1999) chamado de projeto político pedagógico que necessita alicerçar a diretriz disciplinar das escolas. Mais do que disso, Garcia (1999) afirma ainda que tal projeto só será legitimado se tais regras e procedimentos forem construídos com a participação dos estudantes e de toda a comunidade escolar.

Assim, o ato de indisciplina não se resume na inobservância de determinada regra, pois tal regra violada precisa ser legitimada primeiramente pela sociedade, não pode ser simplesmente imposta ao pulso autoritário de um indivíduo ou de uma instituição. (AQUINO, 2003)

Entretanto, esclarecidas as regras contidas no projeto político pedagógico da unidade de ensino, tanto aos alunos quanto para os professores, a infringência de determinada diretriz tornar-se-ia um ato de indisciplina.

Reflexão sobre o crescimento da incidência dos atos de incivilidade

A fim de enriquecer o debate acerca da problemática em questão, é fundamental que se estabeleça uma reflexão para se diagnosticar as causas da incidência dos atos de incivilidade, propondo assim disponibilizar elementos para um possível tratamento e prevenção.

Por vezes, os atos de incivilidade e sua ocorrência estão associados a crianças pertencentes a famílias desestruturadas sejam pelo divórcio, vício ou ausência de uma referência paterna ou materna, ou pior, por ambos. Todo este ambiente externo à criança a faz crescer sem limites, fazendo com que esta inverta os valores.

Exemplificando, determinada atitude como o respeito à autoridade do professor, que advém, segundo De La Taille (1999), de seu papel social e também do domínio que este possui do conteúdo com o qual se está trabalhando e que antes era observada, atualmente não é bem aceita com facilidade pelos pais ou responsáveis. Com isso, a referência do

professor, ou até mesmo do pai ou do irmão mais velho como ícones a serem seguidos e copiados se perdeu no tempo e na evolução social.

Como resultado desse turbilhão, crianças estão precocemente abandonando a infância e praticando constantemente atos de incivildades sem qualquer repreensão e acompanhamento.

Com isso, conforme comentado, enfatiza-se que a carência familiar é a principal causa do aumento dos atos de incivildade, pois a falta de acompanhamento e intervenção dos pais no processo de criação e educação social dos filhos resulta em crianças que se manifestam donas de tudo e de todos norteados por suas respectivas vontades, objetivamente: A criança faz o que quer e o que bem entende! Garcia (2006, p. 127) corrobora com a reflexão ao afirmar que:

As incivildades são rupturas das regras e expectativas tácitas de convivência, dos pactos sociais que perpassam as relações humanas e cujo sentido muitas vezes supomos seja de domínio público desde a infância. Assim, a conduta incivilizada é criticada pelos professores como ausência da influência educativa da família, por suposta responsável pela socialização primária dos seus filhos e pela sua formação nos esquemas básicos de civilidade. Assim, a queixa comum entre muitos professores sobre alunos que vêm à escola “sem limites” trazidos de casa, poderia ser traduzida como uma queixa sobre ausência de padrões culturais básicos de civilidade derivados de alguma lacuna formativa devido à família (GARCIA, 2006, p.127).

Como causa secundária, apresenta-se ainda a sociedade em si, pois o espírito de comunidade a muito se extinguiu de nossas cidades, restando-nos famílias cada vez mais individualistas, que deixaram os seus tradicionais valores de lado, até mesmo o do convívio com os vizinhos. A violência ou o consumismo excessivo, talvez sejam os principais motivos para o atual cenário, mas o que se pode evidenciar é que cada vez mais a sociedade falha no simples processo de formação do cidadão, por não manifestar qualquer compromisso para com o próximo, logo, se há uma troca de valores, certo abuso dos direitos e recusa aos deveres, e isso é transmitido das famílias para os filhos que por sua vez, levam tal comportamento às escolas (MACHADO, 2002).

No que tange à escola, Fonseca (2005) relata que resta a esta apenas testemunhar diariamente atos dessa natureza, pois os profissionais de educação, que não dispõem de treinamento adequado para lidar com a situação em tela, por desconhecer o tema, não sabem como coibir a manifestação de um ato de incivildade. Por não saber agir na prevenção, considerando a ocorrência de um evento, o profissional em educação não sabe tão pouco diagnosticá-lo, logo não se sabe como proceder com o tratamento.

Por esta razão, a carência de estudos aprofundados acerca do tema, a falta de cursos de capacitação a professores para melhor orientação da problemática e a possível interferência à manifestação do ato são algumas causas da crescente incidência dos atos de incivildade na escola.

Papel da escola frente aos constantes atos de incivildade.

Diante da complexidade que envolve o tema debatido, faz-se necessário que a escola, como uma instituição de formação, atue fortemente na prevenção de casos de atos de incivildade, pois estes atos são uma espécie de doença da sociedade. Refletindo a questão por metáfora, como um tratamento de uma doença, para a prevenção, deve-se primeiro

conhecer os sintomas, as causas e os problemas de sua manifestação, para se agir no tratamento a fim de se alcançar uma cura, e então permanecer vigilantes na prevenção.

Concebendo tal metáfora, compreende-se que a responsabilidade da escola frente aos atos de incivilidade é enorme, considerando ainda que é sabido que esses atos tendem a dificultar o trabalho dos docentes e de toda a equipe escolar. Não obstante, Fonseca (2005, p. 99) vai além, entendendo que a responsabilidade da escola é ainda maior, pois para o autor, devido às mudanças sociais, políticas e econômicas ocorridas ao longo do século XX, houve uma transferência do papel da família de educação dos filhos para as escolas, mais do que isso, o autor também entende que ocorre uma inibição educativa de outros agentes de formação, tais como a Igreja e os movimentos sociais e culturais.

Por envolver tantos agentes, a questão sempre se mostrará complexa, pois conforme exposto, exige-se uma participação não só de toda comunidade escolar, mas primeiramente da família, além é claro dos movimentos sociais e culturais, todavia, a de se reconhecer que o “rosto” do processo de construção de um indivíduo crítico para à sociedade é e sempre será da escola.

Acredita-se que a escola deva buscar ações preventivas que possam fortalecer a convivência escolar, proporcionando atividades multidisciplinares, inclusive em classes diferentes, fomentando assim a diversidade. Fernandez (2005, p. 75) comunga do mesmo entendimento e, para a autora, proporcionar o trabalho multidisciplinar significa reconhecer que existe um problema que deve ser abordado junto à coletividade com caráter educativo e não somente punitivo.

E dessa abordagem geral, deve-se chegar ao tratamento específico e para isso, há que primeiramente estabelecer um claro diagnóstico, pois para cada caso tem-se a necessidade de uma análise específica, haja vista que os comportamentos se diferem. Logo é necessário, segundo Fernandez (2005, p. 80) que se compreenda cada tipo de evento com o qual se possa deparar, avaliando-os e, em seguida, que se busque despertar uma consciência coletiva a fim de se construir um ambiente de convivência que favoreça a função educadora da escola.

Considerações Finais

É inegável que quando a escola testemunha um ato de incivilidade, toda uma sociedade tende a perder, haja vista que, aquele pequeno cidadão, se não orientado, irá crescer e quando adulto vier a integrar-se à coletividade, tenderá a repetir tais atos, culminando em uma reprodução de comportamentos podendo levar, por fim, ao caos.

Com isso, há de se chamar a atenção para a questão, sobretudo das famílias, pois é importante considerar a inequívoca existência do laço afetivo por parte dos pais para com os seus filhos e que a omissão desses pais no que tange à responsabilidade quanto à educação, é prejudicial, não só à criança em questão, mas, à toda comunidade.

Ainda nesse campo, foi possível destacar a parcela de responsabilidade dos movimentos sociais, culturais e religiosos no processo de formação do cidadão. Vale lembrar que todo processo educativo deve culminar para a formação de uma sociedade fraterna e respeitosa, logo atos de incivilidade não podem ser aceitos.

Quanto à escola, essa não poderá se furtar de forma alguma, mais do que isso, deverá estar preparada para lidar com a omissão por parte dos demais agentes envolvidos. E

retomando o problema de pesquisa deste trabalho, no que se refere à forma de se enfrentar os atos de incivilidade que ocorrem cotidianamente em sala de aula, entende-se que não há uma resposta clara para o questionamento, apesar de entender que para tal, deva-se trilhar o caminho do debate e do envolvimento de todos, família, escola, movimentos sociais e o governo.

Portanto, a busca por um maior entendimento sobre os atos de incivilidade foi inquietante e proporcionou uma aproximação com tais conceitos que permeiam a realidade que está envolvida no contexto escolar. Porém, vale destacar que é sabido que não compete somente à escola enfrentar a questão, fazendo-se necessário o envolvimento de toda a comunidade, a fim de lidar com os atos de incivilidade.

Sendo assim, a escola deve preservar sua identidade de agente formador, mantendo-se como um local seguro e saudável para a aprendizagem, para a convivência e para a formação social e humana do aluno.

Referências

ABRAMOVAY, M. *et al.* **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133967por.pdf>>. Acesso em: 07 mai. 2015.

AQUINO, J. G. **A relação professor-aluno: do pedagógico ao institucional**. São Paulo: Summus, 1996.

_____, J. G. **Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas**. São Paulo: Moderna, 2003.

BRASIL. **Marca do governo**. Secretária de Comunicação Social da Presidência da República Federativa do Brasil, 2015. Disponível em <<http://www.secom.gov.br/atuacao/publicidade/marca-de-governo>>. Acesso em: 13 set. 2015.

CASTRO, R. **Incivilidades: a violência invisível nas escolas**. Revista eletrônica Polêmica, v. 9, n. 2, p. 105 – 113, abril / junho 2010. Disponível em <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/viewArticle/2755>>. Acesso em: 13 set. 2015.

DEBARBIEUX, É. **A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997)**. Educ Pesq, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 163-193 June 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 mai. 2015.

FERNÁNDEZ, I. **Prevenção da violência e solução de conflitos: o clima escolar como fator de qualidade**. São Paulo: Madras, 2005.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Curitiba: Editora Positivo, 2013, p. 105.

FERREIRA, D. F.; BATISTA, E. C.; STACIHW, R. T. S. **A violência no contexto escolar: um estudo com alunos de uma escola pública do interior de Rondônia.** Revista Científica Semana Acadêmica, v. 01, p. 01-15, 2015.

FONSECA, S. G. **Didática e prática do ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados.** 4 ed. Campinas: Papirus, 2005.

GARCIA, J. **Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva.** Revista Paranaense de Desenvolvimento. Curitiba, n.95, jan/abr.1999. p. 101-108.

_____. **Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola.** Campinas, ETD – Educação Temática Digital, v.8, n.1, p.10-32, dez/ 2006. Disponível em <<http://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/19764/ssoar-etd-2006-1-garcia-indisciplina.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 mai. 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LA TAILLE, Y. **A indisciplina e o sentimento de vergonha.** Indisciplina na escola. São Paulo: Summus, 1996.

_____. **Autoridade na escola.** In: AQUINO, J.G. (org.). Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas práticas São Paulo: Summus Editorial, 1999. p. 9-30.

_____; VINHA, T. **Como combater a indisciplina e as incivildades?** Nova Escola, 2013. Disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=n5J9qgLnTY8>>. Acesso em: 28 set. 2015.

LUIZZI, L. **Prevenção de comportamentos agressivos entre pré-escolares: uma proposta de capacitação para professores.** 2006. 127f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, 2006.

MACHADO, L. Z. **Famílias e Individualismo: Tendências Contemporâneas no Brasil.** Revista Interfaces (UFRJ), Botucatu-SP, v. 5, n.8, p. 11-26, 2002.

JORGE, S. R. M.; TIGRE, M. G. E. S. **Indisciplina, incivilidade e violência na escola: causas, conceitos e possibilidades de enfrentamento.** Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/34-4.pdf>>. Artigo elaborado e apresentado como uma das atividades de conclusão do PDE. Acesso em: 03 abr. 2015.

SILVA, A.T.B.; DEL PRETTE, A. **Problemas de comportamento: um panorama da área.** **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva.** ABPMC – Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental, São Paulo, v.5, n.2, p. 91-103, julho/dez, 2003.

TIBA, I. **Disciplina, limite na medida certa.** São Paulo: Gente, 1996.